

Carta ao Pai 1.0

Apesar de ser humilde no reconhecimento da minha ignorância em áreas diversas daquela de minha formação básica, permito-me adentrar um tema delicado, mas vital, no momento em que passamos.

Resolvi parafrasear um ídolo e intitular uma pequena série de textos, da mesma forma que ele, intitulou um de seus livros.

Começo pelo começo, pela origem. O que foi ter como padrinhos, os militares? Não militares comuns, mas aqueles que tinham ascendido ao poder em 1964.

Como foi ter construído uma Universidade, quando tudo o que se abominava, era o que vinha de outras delas, em particular as ideias revolucionárias e associadas ao socialismo e comunismo?

Houve conflito entre a grandeza do ideal e quantas concessões foram feitas. Imagino a frustração em buscar pessoas dentre os cérebros escassos e ter que montar uma base com pessoas que emudeceram, em função de um autoritarismo armado intimidador, ou que eram mudos por natureza?

Baseio-me um fato histórico, resumido na debandada de seres pensantes, seja por temores reais ou por exílio, e em narrativa de amiga que experimentou pelo menos um evento em que o comportamento do Pai foi evidente.

A história é incontestável. Vozes dissidentes foram caladas de maneiras diversas. Aqueles que eram mudos ou que sabiam entoar o canto da sereia do enganar ou ser enganados, pela promessa de conseguir o que a competência privava. Como foi então reunir profissionais que deveriam ser o alicerce de uma instituição: seria um engodo ou parte do canto da sereia canalizar a formação especializada ou técnica ou focada num instrumento/objeto de trabalho suficiente para garantir que, além do tópico de trabalho, não haveria desejo ou manifestação de dúvida ou de questionamento da forma da condução de processos? Teria saído daí a questão da lisura dos processos (pastas azuis) tão veneradas e cuidadosamente tratadas, como fatores definidores de comportamentos, rotinas, referência e submissão do acadêmico ao técnico, do técnico ao protocolar e do protocolar ao jurídico (por definição cego, em particular quando protegido do Poder Judiciário real, enquanto lotado numa IES?

Benefícios? Sim, com respeito ao teto salarial e quanto à dedicação exclusiva, direcionadas àqueles que, na verdade, são responsáveis pela atividade fim da Universidade. Exemplo clássico é o alegado conflito de interesse, quando se permite ao judiciário (dentro da Universidade) ter vínculos com duas instituições estaduais, mas vetada ao docente.

O fato a que me refiro foi sua ação diante dos militares que ameaçavam interromper uma reunião de alunos (que assumo serem parte do movimento estudantil à época), dentro do Ciclo Básico da Unicamp, já na década de 70. Sei que você, corajosamente convidou os comandantes da ação para uma conversa “em seu escritório”, enquanto a reunião procedeu sem maiores incidentes.

Será que você, ao agir desta forma e tentando proteger sua obra, teria nos protegido demais? Olhando através do tempo, temo responder que sim. Zeferino, defendeste demais o seu sonho e, como resultado, deformou sua obra, suas crias e permitiu que, dentre nós, muita coisa maléfica fosse igualmente preservada e permanecesse oculta por décadas.

Poderia me ajudar a elaborar o conceito de que o apaziguamento excessivo de opiniões em muitas instâncias é debilitante, diante do fato de que intenções reais ficam ocultas e que a incompetência fica protegida pela ausência de consequências?

Será que este comportamento conduz questões que precisam de ações coordenadas e precisas para a esfera do fictício/imaginário? Será que este estado morno de desistência intelectual, de desconsideração da vivência em função de um autoritarismo camuflado de popularismo estúpido, submetendo o acadêmico e o técnico ao administrativo e político desestruturado e inconsequente?

Ideias que poderiam ser úteis ou, na melhor das hipóteses, testadas, teriam sido esquecidas ou engavetadas, diante da robustez do sistema autoritário mimético, sustentado pela preguiça geral de disposição incansável daqueles que acreditam estar de posse do destino geral, desde que limitado aos limites de sua própria existência e limitações? Haveria necessidade, em alguns casos, da necessidade de reação para que houvesse o fortalecimento de princípios.

Informo que sua proteção excessiva obscurece o ideal de que a discussão de opiniões diversas seria sempre salutar, mas que o abandono das mesmas diante da necessidade de descida ao nível prático, fundamental é frequente demais para ser considerado inofensivo na formação do caráter, na construção de exemplos admiráveis e na educação das novas gerações?

Escuta! Pensei ter ouvido um pedido de socorro... Espero que o direito constitucional deste pobre de ir e vir o tenha permitido ir...para casa!

Retomemos! Devo acreditar que produzir, patentear, publicar, pensar, por si só, não nos torna seres mais ativos socialmente? Será que questões sociais prementes se solucionam com teorias, portarias ou decretos?

Demorou algum tempo para que eu derrubasse (por mim mesmo e, talvez, tarde demais) um conceito aprendido enquanto tinha a cabeça raspada por ter ingressado, pelo vestibular, na universidade: que o ser humano pode ser "*apolítico*" (grifo meu a um termo de outrem). Precisei de algumas disciplinas de Etologia e de Licenciatura para entender um pouco do ser (humano) social e a distinguir claramente que a proposição do termo e alegação só existia no interior daquela fortaleza que você defendeu com unhas e dentes.

Em meio à tempestade por que passamos em pleno junho, em Campinas, em meio a professores titulares que veem cair granito durante chuva, que questionam se células de insetos poderiam ser examinadas ao microscópio eletrônico; referem-se aos três grandes reinos em que se distribuem os seres vivos; e pedem socorro dentro da sala de aula; que Doutores titulados em nossas bancadas se permitam dizer (em sala de aula) que os dutos das glândulas endócrinas levam os produtos para a corrente sanguínea, e perguntar em reuniões formais de laboratório se peixes têm cérebro; temos uma paralização dos alunos, candidamente designada "greve".

Sim. É verdade. Este festival de horrores não é menos intimidador que o festival de micro-explosões. Uma especialista afirma que micro-explosões são raras, nesta época do ano! Sim, claro. Assim como as chuvas, propriamente ditas! Nunca foi segredo que a região de Campinas é cenário de um festival de raios e que, raramente, chove em junho/julho.

Não diga que forço a conversa para conceitos de Biologia. Sim, o número de reinos dos seres vivos não são três. Sim, já enviei recado para que não insistam no termo GREVE, mas que

adotem o termo ESTADO DE GREVE. Onde? Acho que não vai gostar de saber onde foi que aprendi isto. Permita-me certa descrição. Afinal, convivemos como muitos tipos aqui dentro.

Vai falar daquilo de novo? Já disse que naquela reunião, em que o médico da Unif... disse uma besteira sobre a capacidade do cérebro humano e sobre sua capacidade de evolução, eu era o biólogo da equipe e fiz o que tinha que fazer. Contribuí apontando as inconsistências e incorreções no discurso dele. Ah...não entende? Multidisciplinaridade é um modelo novo. Aliás, orgulhe-se! Somos invejados pela nossa irmã maior, por sermos exemplos disto!

Foque! Faz sentido buscar por punições para alunos que decidem se perguntar “o que há de novo”? Você que esteve lá, à época, acredita que devemos nos tornar apóstolos de uma histeria coletiva do “medo” diante da histeria do medo dos alunos de serem punidos ou prejudicados, porque decidiram parar e perguntar para onde se dirigia a “manada”. Sim, não gosto do termo GADO.

Ouvi de vários colegas menções do tipo “não há ação cabível, dada a inexistência de punição prevista”. Meus colegas, dirigentes e seres pensantes se colocam na posição de “carrascos” (encapuzados), prontos para acionar a guilhotina que cortará a cabeça dos faltosos, questionadores, deturpadores da ordem (falsa) que você criou. Desde que, obviamente, alguém (outro alguém!) eleve o punho e aponte o polegar para baixo. Para eles não há alternativas e que o calendário da DAC ainda não foi alterado...a priori (!).

Claro!!!!!! Esqueci-me...eles não sabem o que fazem: Esqueceram de planejar o tempo, os termos e... os resultados dos questionamentos. Como numa aula prática demonstrativa, tipo programa de culinária matutino.

Pauta, reivindicações, distinção entre assistência estudantil e multiplicação dos custos por alocar pessoas, cuidar da manutenção, segurança, invasores, agregados, infiltrados. Ensino gratuito com estacionamento com seguranças e cancelas gratuitos...

Sim. Claro. Pergunto, sem querer ofender: onde é que eles poderiam ter aprendido tudo isto? Prestou atenção! Perguntou se eles tiveram tempo de aprender a tocar flauta, jogar basquete ou xadrez? Pai! Nem os avós deles se lembram destas coisas...

Pai, foi você quem deu aos meus colegas a ideia de que a DAC decide o que deve e o que não deve ser feito na Universidade? Compreendo mal quando entendo que, se eu, como responsável por disciplina, atrasar na entrega de boletins de frequências/notas, estarei prejudicando o andamento dos processos e trazendo danos ao sistema? Compreendo pior ainda que, se como grupo de docentes de determinada Unidade, decidirmos interromper o calendário, para que os alunos possam se inteirar melhor do que são as demandas, em mobilização, em paralização, em greve, ou estado de greve, a DAC deve apresentar solução plausível e conciliadora?

Assume a culpa! Hoje, meus colegas docentes, nos diversos níveis da carreira, questionam se devem ou não manter os estoques vivos e experimentos agendados, excursões e o “maldito calendário” (assim como a ementa e a bibliografia, mesmo que incorreta ou demonstrada incorreta)? Temem apontar erros na literatura utilizada. Será que o pedido de socorro que ouvimos hoje é culpa de termos critérios mínimos para promoção e solicitação de concurso, atingindo ao topo da carreira sem instrumentos próprios (ou maturidade ou estabilidade emocional) para lidar com uma sala de aula que faz perguntas e com manifestações discentes

através dos instrumentos legítimos que possuem? Não me transfira a culpa. Eu mesmo já apresentei proposta do então Departamento que chefie, de eliminação dos critérios mínimos.

Sim, sim... também já aponte para o fato de que não se pode utilizar médias ou medianas para distribuições não Gaussianas da produção científica puramente quantitativa que levam em conta estes critérios mínimos. Pior! Aquele um, das células de insetos, sabia do conceito de caudas longas! Sabia mas, como sempre, não fez nada!

Será que tantas garantias da sua parte permitiram uma alienação tão grande que nos levou a acreditar que o modelo existente seria mantido depois das ações inclusão social? Seriam tolos meus colegas ao ponto de acreditar que a “ilha da fantasia” que criou não fosse questionada por seres vivos que experimentaram outras realidades? Acharam que a admissão à Universidade adotaria os moldes da Idade Média, quando, para entrar pelos portões das fortalezas, despiam-se, raspavam-se, lavavam-se e prometiam seguir as regras? Entendo que insista que não são apenas eles, nem por causa deles. Mas insisto que eles positivamente perturbam-nos. Pena que, em alguns casos, metade deles nos deixe!

Não, não os confunda com aqueles que foram doutrinados para destruir. Por sinal, lembra-se do tecido preto colocado sobre o monumento com o nome UNICAMP, com a inscrição VENDE-SE em branco, que foi retirado dias após, deixando intacto o patrimônio de que tanto se orgulham os formandos enfileirados para as fotos dos seus álbuns de recordações? Inteligentes aqueles garotos e garotas, não? Nenhum de nós dois teve ideia semelhante. Sim, como você, continuo aprendendo rápido!

Cansei. Fui batido por Helena e Kassab na reunião de hoje à tarde. Mas, seria demais desejar que destes jovens surgissem os líderes que inexistem neste presente e que eles nos levem a um novo Brasil? Seria tolice acreditar que podemos estimular, sem histeria e sem medo, o movimento estudantil, a liberdade de pensamento e a opinião? Erro em pensar que, com o modelo atual apenas, não vamos formar cidadãos conscientes e independentes? Será que a força opressora de seu tempo não teria evoluído ao ponto de acreditar que o PROGRESSO somente surgirá com o rompimento cordial da ORDEM? Aliás, tente explicar como é que se pode haver progresso sem perturbação da ordem? Já ouviu falar do Pró-Amazônia?

Não reclame. Agente! Você é o único dos meus ídolos daqui que ainda não caiu. Tem mais.

Crise na Universidade – Crise na cidadania